

e num cosmopolitismo democrático, poderia ser argumentado que os autores revelam uma visão, de certa forma, romântica do futebol. De facto, o futebol, mais do que qualquer outra prática desportiva, propicia uma oposição binária ao nível dos jogadores, clubes e países. Ao longo do seu desenvolvimento, os clubes foram cimentando as suas próprias identidades culturais com base na rivalidade e na oposição a outros. As rivalidades, as paixões e as tensões são intrínsecas ao futebol e a grande maioria dos adeptos não iria abdicar delas, já que o fascínio e a atração da modalidade se devem, em grande parte, a isso. Deste modo, se nas nossas sociedades dominassem outros valores como a harmonia e o coletivismo, o futebol perderia o lugar de destaque na construção e representação das culturas populares e, consequentemente, a sua força social esvaneceria.

No entanto, apesar destas observações, *Globalization and Football* constitui, sem dúvida, um fascinante estudo que permite a exploração de novos campos e abordagens, relacionando, de forma erudita, através de uma linguagem clara e elucidativa, as transformações que têm marcado o fenómeno do futebol e as suas relações com as esferas económicas, sociais e políticas que caracterizam as sociedades contemporâneas.

**Pedro Almeida**

**Onésimo Teotónio Almeida. 2009. *De Marx a Darwin: A Desconfiança das Ideologias*. Lisboa: Gradiva. 183 pp. ISBN: 978-989-616-334-1.**

Onésimo Almeida apresenta, neste livro, um conjunto de ensaios, a partir de conferências, colóquios e dos dois cursos ('Sobre a Formação de Mundividências' e

'Sobre a Origem da Modernidade') que leciona na Brown University. As implicações teóricas que decorrem do confronto entre marxismo e darwinismo, nos domínios da ética e da construção do conhecimento, desde a segunda metade do século XX, são os temas centrais deste livro, com cinco capítulos e a conclusão.

No primeiro capítulo, *Marx Morto, Darwin Posto?*, o autor descreve sucintamente o modo como o debate sobre as ciências sociais na universidade estava marcado, até aos finais dos anos 1960, pelo estruturalismo, materialismos dialéctico, realismo crítico e, em qualquer caso, com aversão a tudo o que se traduzisse na expressão 'meramente empírico'. Os cientistas naturais encontravam-se, porém, fora deste debate, seguindo o modelo racional empírico herdado de Galileu e Newton, posteriormente enraizado em Darwin. Contudo, Darwin quase tinha desaparecido do debate público, refugiando-se os seus seguidores em investigações cada vez mais minuciosas. Os grandes temas da modernidade (liberdade, justiça, democracia e progresso) eram agora o centro do debate intelectual e universitário. Neste cenário, Marx ganha um estatuto quase divino entre os jovens universitários. Mas outro grande pensador do século XIX, Nietzsche influencia o debate como um individualista que em nada simpatiza com a causa pública ou coletiva. Os marxistas apenas salvam em Nietzsche a morte de Deus, porque reforça a causa materialista. Por seu lado, Freud afirma o poder do 'eu' e um novo pensamento sobre a sexualidade humana. Após a revolução estudantil do maio de 68, Foucault dá algum fôlego a Marx, ao conciliá-lo com Nietzsche, traduzindo a luta de classes – que em si reduzia o ser humano a um mero agente económico – em luta de poderes, reforçando, desta forma, o pensamento de Nietzsche. Assim, estava estabelecida a trindade dogmática do pensamento dominante: Nietzsche, Marx e Freud. Onésimo Almeida documenta,

então, o debate, a partir das ideias destes pensadores, acerca da recuperação da ética após a morte de Deus – o Deus que, para Voltaire, simbolizava a origem da moral. Nos anos 1980, a biologia ganhou grande força mediática nos Estados Unidos. O êxito editorial do *The Selfish Gene* de Richard Dawkins procedeu os estudos de Konrad Lorenz sobre a agressividade animal que, por sua vez, seguiam o pensamento de Herbert Spencer no século XIX, vindo a (re)afirmar o darwinismo no pensamento dominante. Os biólogos que tinham, até então, permanecido um pouco na margem do pensamento intelectual eram, assim, galvanizados.

No segundo capítulo, *A Mundividência Marxista: Um Rápido Esboço*, Onésimo Almeida mostra como a teoria marxista pretende dar resposta às grandes questões existenciais, assumindo-se como uma metafísica baseada no materialismo dialético. Para Marx, a religião alienante é o ópio do povo, porque o ser humano não deve estar ligado a nada de outro mundo. Em termos epistemológicos, o marxismo é formulado como a chave hermenêutica da História e das leis que governam a sociedade, enquanto a ética marxista é obviamente o socialismo. A igualdade constitui o ideal absoluto, em oposição à liberdade, caracterizada como um ideal burguês e transitório que será suplantado pela justiça.

Em *Cultura versus Natureza: Uma Revisitação*, o terceiro capítulo, é operacionalizado o conceito de cultura. Após o surgimento do neodarwinismo, o debate reacendeu-se entre dois grupos. Por um lado, os construtivistas, segundo os quais a cultura é uma construção a ‘desconstruir’ e substituir por outra ‘construção’. Por outro lado, a biologia indicava uma direção radicalmente oposta, defendendo que as supostas construções culturais mais não são que manifestações da natureza biológica dos seres humanos e às quais não há forma de fugir.

No capítulo seguinte, *Natureza Hu-*

*mana e Determinismo Biológico*, o autor alerta para o facto de que o debate iniciado pela sociobiologia acerca da natureza humana, de alguma forma mostra o interesse da biologia – enquanto ciência empírica racional influenciada pelo darwinismo - em reduzir as ciências sociais a uma disciplina ramificada da própria biologia, mas, ao criar uma conceção demasiado rígida do ser humano, corre o risco de cair numa nova forma de determinismo. Onésimo Almeida argumenta, assim, que qualquer imposição pela biologia de determinismo supostamente ‘científico’ se defronta com o facto histórico de que o pensamento e a sociedade no Ocidente sempre se abriram à inovação, mesmo que a inovação tivesse que ir contra a natureza.

O capítulo cinco, *Do (Re)Conhecimento da Ignorância como Saudável Atitude Fundacional*, explica por que a unicidade do conhecimento é rejeitada no pensamento intelectual atual, o que constitui uma questão transversal na discussão dos quatro capítulos anteriores sobre o debate intelectual e científico acerca da natureza humana, desde a segunda metade do século XX.

A Conclusão está dividida em oito pontos que salientam os aspetos relevantes dos conteúdos abordados nos ensaios precedentes. 1) Na história das ideias ou nas ciências sociais não há uma mudança de paradigmas como acontece nas ciências naturais. 2) Mesmo com o esvanecimento do marxismo, a influência de Marx na visão de sociedade é inegável e ainda perdura. 3) Embora o darwinismo tenha introduzido um novo paradigma em biologia, não pode ser reduzido a um modelo científico. 4) Desde a distinção de Aristóteles entre física e metafísica, as fronteiras da ciência têm vindo a ser bem delimitadas (e demarcadas da metafísica), não reconhecendo a realidade fora da verificação empírica e das regras da lógica. 5) A ética é uma dimensão inultrapassável da vida humana que perdura mesmo já sem o Deus de Voltaire.

A ética não é exclusiva da religião, mas é do domínio da ciência também. 6) Uma justificação científica da História jamais será uma justificação moral. 7) A influência de Nietzsche no pensamento dominante atual, na medida em que o super-homem em Nietzsche encarna o paradigma cultural de que 'o céu é o limite'. 8) A importância da crítica autorreflexiva e da imparcialidade para os pensadores intelectuais e para a divulgação dos seus argumentos e desenvolvimentos críticos.

Onésimo Almeida apresenta, assim, um livro bem documentado e com uma sequência lógica, abordando temas centrais de um discussão ideológica que é também importante para compreender o debate político e económico atual. A dicotomia esquerda vs direita, economia regulada vs liberalismo nos meios de comunicação é a expressão mais popular da influência destas ideologias.

**Nuno Matias**

**Isabel Soares (ed.). 2009. *Relações de Vinculação ao longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilibrios. ISBN: 978-972-97388-4-5.**

Isabel Soares é professora catedrática da Universidade do Minho e uma investigadora de renome internacional na área da vinculação. Esta obra resulta da contribuição de diversos investigadores do Grupo de Estudos de Vinculação (GEV) da Universidade do Minho, grupo inovador em Portugal no estudo da vinculação iniciado pela coordenadora do livro, e que tem contribuído de modo significativo para o desenvolvimento da pesquisa na área da vinculação no nosso país. Reunindo um grande rigor científico com a escrita fluida e acessível que facilita a leitura e a compreensão dos conteúdos apresentados, este livro surge como um manual de re-

ferência na área de estudo da vinculação. A obra é constituída por sete capítulos, abordando a conceptualização teórica da vinculação; considerações metodológicas na investigação da vinculação; principais resultados de estudos empíricos portugueses e de outros países; bem como implicações práticas para a psicologia e seus domínios.

O capítulo 1, da autoria de Isabel Soares, contextualiza o tema, analisando, numa perspetiva histórica, o desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. Neste capítulo introdutório, tomando como ponto de partida os referenciais teóricos, abordam-se os seus conceitos centrais e os contributos dos principais autores de referência.

No capítulo seguinte, Isabel Soares, Eva C. Martins e Susana Tereno abordam a vinculação na infância. As autoras iniciam o capítulo com a apresentação das fases do desenvolvimento da vinculação, seguindo-se a abordagem da avaliação da vinculação na primeira infância através da Situação Estranha. Posteriormente, com recurso à perspetiva ecológica, é apresentada a relação entre a qualidade da vinculação e a prestação de cuidados, destacando-se o papel relevante da sensibilidade parental. Neste sentido, são mencionados estudos longitudinais acerca do impacto da qualidade da vinculação precoce no desenvolvimento ao longo da infância, seguindo-se questões teóricas e empíricas colocadas no estudo da vinculação após os dois primeiros anos de vida. O capítulo termina com a referência às abordagens intercultural e transgeracional da vinculação.

O capítulo 3, da autoria de Inês Jongenelen, Marina Carvalho, Teresa Mendes e Isabel Soares, é dedicado ao estudo da vinculação na adolescência, período desenvolvimental que envolve questões conceptuais e empíricas específicas. É abordado o fenómeno da maternidade na adolescência e as consequências na vinculação e na prestação de cuidados.